

SEPARATA DA  
Revista da Universidade de Aveiro · Letras

# (DES)ENCONTROS NA DISNEYLÂNDIA CULTURAL

*Maria Manuel Baptista*



UNIVERSIDADE  
de AVEIRO

2001 - n.º 18

# (Des)Encontros na Disneylândia CulturalP

*Maria Malluel Baptista<sup>2</sup>*

Departamento de Línguas e Culturas – Universidade de Aveiro

*«O descenso do espírito não o mata, nem () diminui de poder virtual. Apenas () eclipsa, lhe rouba campo, desterrando-o momentaneamente nas cumeeiras humanas, entre os poucos homens que sabem ser interiormente livres e que não-de cenameme acabar por transferi,. (ios seus semelhantes embolados o gosto a essa velha liberdade q/e nos emancipa dos tristes combates terrenos».*

*(lilOrillo Nellésio)950*

*«(...)Eduardo Lourenço tem um pensamento. Um pensamento é coisa rara».*  
*José Gil, 1996*

Tornado recentemente quase uma 'star intelectual' em Portugal (alguns dirão, 'o ideólogo oficial do regime pós-25 de Abril'). Eduardo Lourenço conhece hoje uma popularidade que quebra, finalmente, o silêncio a que a cultura portuguesa em particular, e o espaço lusófono em geral, o votaram durante longo tempo. Eduardo Lourenço tornou-se hoje uma 'moda', embora continue pouco lido, pouco estudado e em quase monólogo nesta nossa actual 'disneylândia' cultural.

Obra plural e fragmentada, feita de ensaios mais longos ou curtos escritos de ocasião, Eduardo Lourenço é um polemista emocionado, de escrita difícil e erudita, que dificilmente se deixa re-dizer sem a sensação de plágio.

O lema que vamos abordar faz parte de um trabalho mais vasto que nos encontramos a realizar sobre a sua obra, designadamente o que respeita aos seus textos de análise à cultura portuguesa, tarefa que ele vem realizando há quase cinco décadas.

Talvez que o seu ensaio mais conhecido seja "Psicanálise Mítica do Destino Português", inserido nessa obra de referência que se tornou em Portugal o *Labirinto da*

---

I Comunicação apresentada ao 6.º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas – Rio de Janeiro, Agosto de 1999.

Toda a correspondência relativa a esta comunicação deve ser enviada para Maria Manuel Baptista, Departamento de Línguas e Culturas - Universidade de Aveiro, 3810 Aveiro - Portugal ou via e-mail: mbaptista@dic.ua.pt

*Saudade*. A partir de então tornar-se-á o nosso *Sócrates Português* ao tratar, podemos mesmo dizer ao 'fustigar-nos' com um dos problemas mais candentes da Cultura Portuguesa: a questão da nossa Identidade enquanto povo e nação. A apropriação que, nesse contexto, realizou da linguagem psicanalítica, valer-lhe-á a crítica acérrima dos ideólogos e cientistas sociais encanados, mas também o lugar ímpar, de renovação e interpelação funda. que hoje, reconhecidamente, ocupu entre nós.

Nesse seu ensaio, Eduardo Lourenço abordava, entre outras, a questão das auto-representações nas relações que temos mamido com o Outro (o outro infiel, espanhol, europeu, oriental, africano ou índio) numa revisitação, de sentido contrário ao que é habitual, dos principais momentos míticos da nossa história colectiva, revelando-nos assim o Outro que nós próprios somos, agora desvendados à luz do doloroso (e ainda escandaloso) paradigma psicanalítico.

A história e a análise crítica da recepção deste ensaio entre nós, ainda está por fazer. De qualquer forma, à distância de mais de 20 anos, podemos dizer que ele se tomou uma referência incontornável quando se pretende abordar a questão, complexa, intrincada e apaixonante, da imagologia identitária portuguesa.

Curiosamente, Eduardo Lourenço não mais escreveu um outro texto onde o paradigma teórico e conceptual da psicanálise estivesse tão exclusiva e ostensivamente presente. Os seus últimos ensaios<sup>4</sup>, embora prossigam no registo da busca identitária portuguesa (nas suas múltiplas vertentes e complexas formas de aulo e hetero-revelação), abandonam o instrumento conceptual freudiano para se colocarem numa perspectiva histórica que poderíamos, ii falta de melhor, designar de pendor axiológico e ético, caminho que nunca deixou de ser o seu, apesar da luz ofuscante e perturbadora que um dia fez dele um 'psicanalista da cultura portuguesa'.

E é assim que, nos seus mais receltes ensaios procura aprofundar, a propósito de múltiplas temáticas de importância candente na cultura contemporânea (quer ela seja a portuguesa, europeia ou mundial), uma visão do que é e do que deveria ser a cultura na era pós-moderna, ou, como ele diz preferir chamar-lhe, na era pós-cristã<sup>5</sup>. Na realidade, não é por caso que Eduardo Lourenço prefere esta designação à primeira: a diferença entre ambas reside no facto de esta não se demitir de uma posição axiológica, enquanto a primeira parece resguardar-se numa operação mental de pura descrição cronológica.

Mas esta nossa cultura pós-cristã não é mais, digamo-lo sem rodeios como o próprio Eduardo Lourenço o faz, do que a cultura mundializada dos Estados Unidos, onde

LOURENÇO, Eduardo, *O Labirinto da Saudade - Psicanálise Mítica do Destino Português*, 1978

Os mais significativos dos quais se encontram coligidos em LOURENÇO, Eduardo, *O Esplendor do Caos*, 1998 e LOURENÇO, Eduardo, *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*, 1999

LOURENÇO, Eduardo, "Solidariedade num Mundo Insolidário", *O Esplendor do Caos*, 1998, p.55

hoje todos nÓs estamos já instalados. Collra ela, em oposição fraca e dilacerada. uma cultura europeia que aponta para uma outra coisa, reputada por Eduardo Lourenço de mais **valiosa**, Enraizada numa outra **tradição**. a cultura europeia **vive, no presente**. (ou nós vivemos nela) um momello u'ágico e decisivo de procura de Identidade.

Assim, Portugal e a cultura portuguesa, cuja fragilidade identitária parece ser **congénita, pode viver e pensar, neste final de século, esta questão sem complexos, instalado na mais recente modernidade europeia**: Portugal é **o foi -o sempre sem saber**) o mais Europeu dos países da Europa. mesmo quando hoje (como todo o mundoj. profundamente americanizado.

**Entre uma cultura europeia que se procura a si própria e uma cultura americano-mundial que é de forma simples, tranquila e natural, as diferenças são profundas. Vejamos, com Eduardo Lourenço, algumas das mais significativas, sobreludo as que se centmlll em torno da questão da relação que cada uma destas duas culturas mantém com o Outro. ou, o que é o mesmo, o espelho onde se procurmn reconhecer na sua diferença identilária.**

### **A mediação televisiva do Outro**

**Na nossa cultura contemporânea a televisão tornou-se a nova caverna platónica,** com a diferença, segundo Eduardo Lourenço, de que as sombras são agora bem reais. São mesmo a única realidade verdadeiramente existente. Completa e ininterruptamente **imersos numa torrente informativa, não é o diálogo o que esta nova forma de comunicação instaura. Para isso seria necessária, no mínimo, a propriedade da reversibilidade. Ora, como refere o autor, a televisão não trabalha senão para si mesma, para se vender a si própria.**

Aí, onde o sujeito se dissolveu, onde Iudo se paga, onde só a 'renlabilidade mediática' importa, a televisão adquiriu lima condição que Eduardo Lourenço designa de 'angélica', pois simula «(...) uma transparência tal que nem por sombras lembre ao pseudodestinatário que a caixa mágica não funciona senão para o interior de si mesma. Ela deve ocultar, até pela ostemação com que assume a prática fundadora da nossa sociedade. a de um hipermercado disfarçado de Disneylândia, a única realidade que lhe **permite existir: a de ser um instrumento, não só inserido, como é óbvio, na lógica do capitalismo. que é a nossa, mas a de ser a sua expressão sublimada»<sup>6</sup>.**

Mais do que pensar as modalidades pelas quais seria possível instaurar um diálogo **verdadeiramente humano a partir de uma tal 'caixa', tarefa que ultrapassa a essência do próprio fenómeno televisivo, Eduardo Lourenço advoga a necessidade de reclamar o direito ao silêncio, instaurando uma pedagogia do consumidor de imagens. É claro que**

<sup>6</sup> LOURENÇO, Eduardo, 'A Nova Comunicação', *O Esplendor do Caos*, 1998, p.35

uma tal pedagogia terá de passar por uma outra ideia de cultura, que recusa o poder hegemónico e, em última análise, económico, político e ideológico, do 'senhor das imagens' que é os Estados Unidos. para propor uma outra «(...) maneira de olhar, de aprender, de descrever essa *imago-esfera* que tomou o lugar de uma autêntica revelação divina»<sup>7</sup>.

Face ao fenómeno televisivo, tal como hoje o conhecemos, Eduardo Loureço propõe-nos então um exercício de liberdade e de discernimento, que permita «(...) preservar a parte de silêncio necessária à respiração da existência humana e contra a qual o rolo compressor das imagens planetárias seria impotente, ou é, no fundo, impotente»<sup>8</sup>.

### Da tolerância ao *intolerável*

Colocando a questão da intolerância numa perspectiva crítica e radical, Eduardo Loureço recorda-nos que, vulgarmente, 'ser tolerante' significa pouco mais do que condescendência e até indiferença pelo Outro: é o 'tolerantismo moderno'. Questão por excelência da cultura ocidental, a intolerância, e a necessária violência que normalmente consigo arrasta, nasceu no terreno do religioso e transformou-se hoje numa questão política e até ideológica.

Verdadeiramente, o que está em jogo nos nossos dias (e desde sempre) não é a intolerância ou a tolerância face ao Outro, mas o *intolerável*, quer dizer, o lugar por excelência do mal. É claro que hoje não dispomos de instâncias eticamente fundadoras, ou não acreditamos nelas, para sabermos onde estão o mal e o bem. De resto, toda a intolerância se justifica. e se justificou sempre, por uma 'violência do bem'<sup>9</sup>.

Assim, mais do que nomear uma 'tolerância' teoricamente indiscutível e na prática muito longe de ser o que devia. o importante seria determinar o domínio do *intolerável*, aquilo que, do ponto de vista ético, ou muito simplesmente humano, toca o próprio estatuto do humano: «O *intolerável*, em geral, não é apreendido nessas manifestações paroxísticas da crueldade humana, É quotidiano e por isso quase invisível. O malírio infantil – na ordem do trabalho ou da exploração sexual –, a exclusão maciça de continentes inteiros daquele processo que tomou possível que na Europa, há quase cinco séculos, o respeito do outro fosse não só possível mas cultivado como um valor, a injustiça aceite como uma banalidade, o culto e a cultura da manipulação mediática que substitui toda a responsabilidade pessoal e, com ela, a definição ou escolha dos nossos fins, são algumas das figuras desse continente que proliferou e prolifera à sombra da

*op. cit.*, p.39-40

<sup>8</sup> *op. cit.*, p.40

<sup>9</sup> «(...) uma integração tolerante do diverso continua a não ser possível senão por uma ausência, um fio de nada (...). AURÉLIO, Ovídio Pires. *Um Fio de Nulidade - Ensaio Sobre a Tolerância*.1997 (p. 124).

própria tolerância, concebida abstractamente como respeito não menos abstracto pela *diferença*. Por carência, a categoria de *tolerância* desertificou eticamente o mundo. O que foi uma conquista tomou-se idolatria da indiferença. Há tolerâncias intoleráveis»<sup>10</sup>

Em suma, o que é realmente *intolerável* é a negação do Outro, como Sujeito, como um outro EU, *ausência* de consciência do mal que, nos nossos dias, se vê ofuscada precisamente em nome da 'tolerância'.

## A solidariedade para com o Outro

Numa cultura pós-cristã profundamente hedonista, Eduardo Lourenço designa o que considera ser da ordem do *escândalo* ético: a constatação de que a pobreza mais extrema existe numa sociedade que, pelo menos teoricamente, teria todos os meios *para* a abolir.

A nomeação da *miséria* dá origem a um emocionado ensaio de Eduardo Lourenço, datado de Dezembro de 1994. Nele, o autor convida-nos a procurar as causas da persistência deste velho fenómeno com novos contornos, até porque ele nos é «(...) servido de manhã à noite como acompanhamento de fundo, talvez até de condimento, de uma civilização e de uma cultura do espectáculo universal que dela se alimenta como os deuses antigos dos *sacrifícios humanos*»<sup>11</sup>.

Na verdade, o que está em causa é um modelo que na ordem política *não* chega a ser democrático. uma máquina capitalista que tudo mede pelo valor económico e um paradigma cultural que, *embora* auto-representando-se como libertação do humano, mais não é do que 'cultura da violência'. Este modelo, encarnado na perfeição pelos Estados Unidos (a primeira grande nação verdadeiramente materialista), é já hoje o de todos nós.

Pior ainda, o seu objectivo parece ser o de um dia poder funcionar por si, sem necessidade sequer do elemento humano,

É então o *paradoxo* que se torna a essência deste prodigioso, e trágico, esplendor liberal: «Neste fim de século, ao mesmo tempo que essa economia parece ter convertido o mundo inteiro numa Disneylândia de sortilégios renovados e cada homem em consumidor de sonhos tornados acessíveis a todos, a nova ordem das coisas *priva uma parte* cada vez maior da humanidade de qualquer participação nessa prodigiosa máquina de produzir bens, conforto, prazer(...)»<sup>12</sup>.

<sup>10</sup> LOURENÇO, Eduardo, "Do Intolerável", () *Esplendor fto Coos*, 1998. p.93

<sup>11</sup> LOURENÇO, Eduardo, "Solidariedade num Mundo Insolidário", *O Esplendor do Coos*, 1998. p.54

<sup>12</sup> *ap.dr.* p.58

É que, como Eduardo Lourenço recorda, nesta aldeia global não há somente sociedades a duas velocidades, mas há também aquelas que ‘não marcham a velocidade nenhuma’.

Instalados tranquilamente nesse *Esplendor do Caos*, frequentemente representado como óbvio e mesmo o único possível. Eduardo Lourenço considera que é ainda aqui de um problema de identidade humana que se trata. E ela joga-se naquilo que de nós vemos reflectido no olhar do Outro.

### Anjos e diabos: o Outro americano

Poder-se-ia, a partir do que ficou dito, concluir que o pensamento de Eduardo Lourenço é uma forma de reflexão enquadrável num anti-americanismo primário, próprio de alguma *intelligentsia* europeia resabiada e ressentida. E no entanto, estamos longe de um tal pensamento.

Em primeiro lugar, Eduardo Lourenço não tropeça em maniqueísmos fáceis ou primários, mas a sua reflexão é feita de razões e contra-razões, num discorrer que a si próprio se critica e limita, desdobrando-se em exigência ética e rigor conceptual.

Se isto não chegasse, teríamos ainda os próprios textos de Eduardo Lourenço que, de forma inequívoca, responsabilizam a Europa por este estado de coisas, quer pela sua actual indefinição de projecto comum, quer pela profunda crise identitária que vive (económica, política, militar...). Cabe à Europa e aos europeus a criação de um modelo outro que seja mais valioso e mais atractivo, mais enraizado numa história e numa literatura europeias que hoje, paradoxalmente, só os americanos parecem valorizar e reciclar, devolvendo-a a toda a humanidade, que já imagina Hércules como um herói da mitologia norte-americana.

Prosseguindo na senda de um pensamento que já nos finais da década de 40 se procurava definir como “heterodoxo”, Eduardo Lourenço procura assim distanciar-se de um anti-americanismo primário; «Neste momento, o nosso desamparo europeu é tal que muitos cedem à tentação de verem na América uma espécie de *Smith Ira/C.*») Pessoalmente, não tenho propensão para *satanizar* () *gral de comunal/or*, que não nos envia, sob o seu niágara de imagens, senão uma mensagem simples: comunicar é poder, poder é comunicar. (...) Denunciar a *supremacia* comunicacional dos Estados Unidos (...) é um combate sem verdadeiro sentido cultural, Porque não é apenas da mera ordem do facto ou da supremacia tecnológica. É o triunfo de uma *outra ideia de cultura* em

<sup>13</sup> LOURENÇO, Eduardo, *Heterodoxia I e II*, 1987. Nesta obra, cuja primeira parte foi publicada em 1949 e a segunda em 1966, o autor procura clarificar o seu pensamento de heterodoxo, que define como sendo () exercício racional, crítico e livre, cujo produto nem por isso equivale à constituição de uma nova ortodoxia, nem se resguarda sob o manto de do relativismo ou, o que resulta no mesmo, do ‘indiferentismo’.

relação à qual o nosso orgulho europeu pode sentir-se ferido e impotente ao mesmo tempo, mas que é um facto»<sup>14</sup>.

Partir da nossa matriz cultural e criar uma outra mitologia impregnada de novas image-lls que tenham um poder de universalização como, de resto, sempre o teve a cultura europeia, eis o repto de Eduardo Lourenço que nos aponta, assim, o rosto da própria 'utopia praticável'.

Eduardo Lourenço não é um crente, mas um pensador agnóstico de incontornáveis preocupações éticas e metafísicas. E, no entanto, ao analisarmos alguns dos seus textos verificamos que, pelo menos no que respeita à sua concepção do Outro, não estamos longe da ideia cristã do 'próximo', embora sem a respectiva fundamentação nem a ressonância teológica desta<sup>15</sup>.

O Outro de Eduardo Lourenço é o 'próximo' do nosso quotidiano, das nossas vivências vulgares, concretas e ordinárias e não o Outro televisivo, mediatizado, simbólico, abstracto, teórico, longínquo ou extraordinário. E só por isso é que ele constitui a última e irreduzível instância ética, O céu e o inferno prometidos.

### A actual 'disneylândia' cultural ou o gesto inaugural de Erik Erikson

Resta, no final desta brevíssima, e necessariamente limitada, abordagem a um dos aspectos da obra de Eduardo Lourenço pensarmos, nesta actual 'Disneylândia' cultural, o incontornável desconforto que constitui o Outro, e sobretudo todos os Outros que cada um é em si próprio, enquanto herança histórica e instância ético-antropológica que nos interpela sem cessar.

Para isso servir-nos-emos da história pessoal, que ganhou Olíficos contornos, de um psiquiatra norte-americano nascido em Franfurt, recentemente falecido, e cuja vida foi entregue à temática psicológica da construção da Identidade ao longo do ciclo de vida.

'Quem sou eu?' era a questão que desde muito jovem repetidamente se colocava, ao aperceber-se que, ora era apodado de 'nórdico' devido aos seus traços fisionómicos, ora era socialmente marginalizado por ser judeu. Adolescente ainda, descobrira que o seu pai biológico tinha abandonado a mãe grávida e que, portanto, aquele que sempre conhecera como seu pai, afinal não () era da forma como tinha imaginado.

<sup>14</sup> LOURENÇO, Eduardo, "A Nova Comunicação", *O Esplendor do Caos*, 1998, p.39

<sup>15</sup> Nas palavras de Eduardo Lourenço, «a civilização ocidental não oferece outro referente mais elevado mais próximo da expressão total do que o dessa voz enigmática que fala no Evangelho. Ele é o fundamento da Ética, em sentido prático, mas está aquém e está para além da Ética. A Ética é uma corrupção, uma palavra do mundo grego. A palavra do mundo cristão é o Amor» (dt. por CATROGA, Fernando, "A Inquietação da Heterodoxia", *O Ensaísmo Trágico de Eduardo Lourenço*, 1996, p.36).



Circunstâncias políticas e sociais relacionadas com a eclosão da Segunda Guerra Mundial levaram este jovem rebelde e um pouco perdido a peregrinar por várias cidades europeias até acabar por se instalar nos Estados Unidos. Aí, num gesto inaugural, carregado de significado psicológico, ético, social e até met" físico, decide *rebaptizar-se* no momento de adopção da cidadania norte-americana. Abandonando o seu antigo nome de Erik Homberger, escolhe para si o nome de Erik Erikson, quer dizer, 'Erik, filho de si próprio'. Para Irás ficavam as raízes genealógicas pessoais, mas também as referências **históricas, culturais, sociais e políticas**<sup>16</sup>.

Começar de novo e, à maneira da infância, num mesmo gesto, trágico e revelador, negar todos os *Ollros* em si e dissolver o Tempo, **era** o sonho de Erik Erikson, utopia que só ganha pleno sentido numa América que é a Disneylândia de todas as infâncias e de todas as infantilidades", que não são apenas as do Outro, mas também são já hoje **as nossas**.

Numa **entrevista** concedida em 1988 a um semanário português", dizia Eduardo Lourenço, com um humor e argúcia nólaveis: «Eu costumo dizer que caminhamos, ou estamos já, numa espécie de Disneylândia, que somos todos uns Pinóquios, imensamente divertidos e fascinados com a fosforescência que nos rodeia. Eu mesmo quando fui à Disneylândia, não deixei de me encantar»<sup>19</sup>, mas, acrescenta, «estou convencido de que, na verdade, essa vontade de euforia contínua que banha a vida contemporânea, é o sintoma de uma grande desesperação»<sup>20</sup>.

## Bibliografia

AURÉLIO, Diogo Pires, *Um Pio de Nada - Elisaio Sobre a Tolerância*, 1997

CATROGA, Fernando, "A Inquietação da Heterodoxia", in *O Ensáismo Trágico de Edliardo Loureliço*, 1996, p.29-38

ERIKSON, Erik, *The U/e Cycle Completed*, New York – London: W.W. Norton & Company, 1982

<sup>16</sup> Curiosa e sintomJlicamcotc, Erik Erikson recusa nesse momento grande parte daquilo que serão, mais tarde, as suas principais concepções acerca da importância dos aspectos sociais e relacionais na constituição da identidade pessoal e social (d.ERIKSON, Erik, *The fife Cycle Completed*, New York - Londol!. 1982, onde apresenta uma análise das suas principais concepções no que respeita à importância dos aspectos psicossociais na resolução da crise de idade, bem como as íntimas conexões entre História e história individual de vida)

<sup>17</sup> cf. LOURENÇO, Eduardo, *Nós Como Futuro*, 1997, p.16

<sup>18</sup> LOURENÇO, Eduardo, "Um Heterodoxo Confessa-se". *O Ensáismo Trágico de Eduardo Lourenço*, 1996 (1998)

<sup>19</sup> *op.cit.*, p.64

<sup>20</sup> *op.cit.*, p.65

GIL, José, "O Ensaísmo Trágico", *O Ensaísmo Trágico de Eduardo Lourenço*, 1996. p.7-27

LOURENÇO, Eduardo, *O Labirinto da Saudade - Psicanálise Mítica do Destino Português*. Lisboa: Publicações D. Quixote. 1978

LOURENÇO, Eduardo, *Heterodoxia I e II*, Lisboa: Assírio e Alvim. 1987

LOURENÇO, Eduardo, "Um Heterodoxo confessa-se", in *O Eu Trágico de Eduardo Lourenço*, 1996, p.43-75 (reprodução de uma entrevista realizada para o semanário Expresso por Vicente Jorge da Silva e Francisco Belard, em 16/1/88)

LOURENÇO, Eduardo, *Nós Como Futuro*, Lisboa: Pavilhão de Portugal - Expo'98, Assírio & Alvim, 1997

LOURENÇO, Eduardo. "A Nova Comunicação", *O Esplendor do Caos*. Lisboa: Gradiva, 1998 (1993). p.31-40

LOURENÇO, Eduardo, "Do Intolerável", *O Esplendor do Caos*, Lisboa: Gradiva, 1998 (1996), p.87-93

LOURENÇO, Eduardo. "Solidariedade num Mundo Insolidário", *O Esplendor do Caos*, Lisboa: Gradiva, 1998 (1994). p.53-65

LOURENÇO, Eduardo, *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*, Lisboa: Gradiva, 1999